

APRESENTAÇÃO

Esta é uma publicação da subseção do DIEESE na Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria - CNTI.

Trata-se de um boletim informativo e analítico que tem por finalidade a permanente discussão, acompanhamento e atualização de temas relacionados ao mercado de trabalho, com enfoques voltados para a conjuntura econômica e social do país.

Neste boletim do primeiro semestre de 2010 apresentam-se temas como: Conjuntura Econômica, informações setoriais, indicadores econômicos do mercado de trabalho, índices de inflação e outras informações importantes, além do desempenho da indústria de uma maneira geral.

Como de costume, traz-se também alguns indicadores econômicos úteis à vida sindical, como por exemplo, a pesquisa de emprego e desemprego feita em seis regiões metropolitanas brasileiras e Distrito Federal e a variação da cesta básica em dezesseis capitais brasileiras.

Boletim de Conjuntura – SET/DEZ de 2009

(Fechamento 03/02/2010)

Presidente: **José Calixto Ramos**

Responsável Técnico: **Karla Braz**

Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria
Endereço: Av. W3 Quadra 505 Lote 01 Bloco A SEP/Norte
CEP: 70730-517 - Brasília - DF
Fone: (061) 3448-9900 - Fax: (061) 3274-7001
E-mail: cnti@cnti.org.br Site: www.cnti.org.br

ÍNDICE

- I - CONJUNTURA ECONÔMICA
- II - DESEMPENHO INDUSTRIAL
- III - INDICADORES ECONÔMICOS

Entre em contato conosco pelo e-mail:

sucnti@dieese.org.br

I - CONJUNTURA ECONÔMICA

A economia brasileira em 2009 registrou pequena retração de 0,2%, em função da crise financeira internacional. O referido resultado, no entanto, foi considerado razoável, diante de resultados apurados em outros países no mesmo período. O último trimestre de 2009 sinalizou à recuperação da economia brasileira e o primeiro de 2010 confirma a tendência de resultado positivo, o que tem elevado às projeções de crescimento do PIB em 2010 para além de 6,0%.

Liderando o processo de crescimento está a Indústria. Segundo dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o setor já recuperou todos os empregos perdidos durante a crise financeira mundial. Em maio o indicador de produção industrial da CNI chegou a 54,9%, resultado superior ao registrado no mês anterior de 51,0%.

I.1 Indicadores da atividade econômica

PIB

O resultado do Produto Interno Bruto – PIB, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, referente ao 1º trimestre de 2010, confirmou a retomada do crescimento iniciada no 4º trimestre de 2009, ao registrar crescimento de

2,7% em relação ao trimestre imediatamente anterior e 9,0% na comparação com o 1º trimestre de 2009. Em valores, o Produto Interno Bruto a preços de mercado alcançou R\$ 826,4 bilhões no referido trimestre. Os dados divulgados mostram que, nos últimos trimestres a atividade econômica cresceu em ritmo forte, o que possibilitou a recuperação da economia diante dos efeitos da crise financeira mundial que atingiu o país.

Sob a ótica da oferta, o maior destaque, na comparação com o trimestre anterior, foi a Indústria, que teve seu valor adicionado acrescido de 4,2%, seguida pela Agropecuária 2,7% e Serviços 1,9%.

Quanto aos componentes da demanda interna, vale ressaltar a recuperação da Formação Bruta de Capital Fixo – FBKF. Na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior com dados ajustados sazonalmente, a FBKF apresentou as seguintes taxas de variação: 7,5% e 7,1% no terceiro e quarto trimestres de 2009 e 7,4% no primeiro trimestre de 2010. Ou seja, após a crise e o “represamento” das inversões, a economia voltou à febre dos investimentos.

No que diz respeito ao consumo das famílias, a variação foi de 1,5% na mesma base de comparação. Nesse sentido, vale destacar a perda de ritmo deste indicador, o qual evoluiu para níveis mais sustentáveis de evolução: 2,5%, 2,1% e 1,5%, nessa

ordem, no terceiro e quarto trimestres de 2009 e primeiro trimestre deste ano, sendo todas as taxas calculadas com relação ao trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal.

No setor externo, tanto as exportações de Bens e Serviços como as Importações de Bens e Serviços apresentaram elevação de 1,7% e 13,1% respectivamente. Porém, o maior desempenho das importações na comparação com as exportações, reflete a valorização do real somado a manutenção da demanda interna.

Tabela 1
Varição do PIB – Preços de Mercado
Brasil – 2009 e 2010 (Dados Dessazonalizados - %)

Setores e subsetores	I Trim 2009	II Trim 2009	III Trim 2009	IV Trim 2009	I Trim 2010
Agropecuária - total	-5,85	1,77	-0,46	0,20	2,70
Indústria - total	-4,46	1,49	3,29	4,01	4,24
Serviços - total	0,88	1,43	1,63	0,73	1,90
Valor adicionado a preços básicos	-1,12	1,37	1,85	1,94	2,52
PIB a preços de mercado	-1,50	1,46	2,17	2,25	2,74
Despesa de consumo das famílias	0,03	2,95	2,52	2,07	1,46
Despesa de consumo da administração pública	4,48	-0,24	0,53	0,64	0,87
Formação bruta de capital fixo	-11,97	2,07	7,52	7,11	7,39
Exportação de bens e serviços	-14,90	8,96	0,04	3,34	1,73
Importação de bens e serviços (-)	-17,57	5,82	3,38	13,27	13,12

Fonte: IBGE - Contas Nacionais Trimestrais

Em relação ao primeiro trimestre de 2009, sob a ótica da oferta, a Indústria também se destacou, com crescimento de 14,6% do seu valor adicionado. No setor de Serviços, o valor adicionado foi acrescido de 5,6% e o da Agropecuária, 5,1%, neste último, a variação positiva destaca-se em função do setor ter registrado

resultados negativos durante quatro trimestres consecutivos nessa base de comparação.

Na análise da atividade industrial, ainda na comparação com o primeiro trimestre de 2009, o destaque foi o crescimento de 17,2% do valor adicionado da Indústria da Transformação, influenciada pelo aumento da produção de máquinas e equipamentos, eletrodomésticos, indústria automotiva, incluindo peças e acessórios, metalurgia/siderurgia, indústria têxtil, produtos químicos e artigos de borracha e plástico. A Construção Civil cresceu 14,9%, beneficiada pelo aumento das operações de crédito para a habitação e pelo aumento de ocupações no setor. A Extrativa Mineral cresceu 13,6%, principalmente pelo aumento de 52% na produção de minério de ferro. O valor adicionado de Eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana aumentou 8,1%, principalmente pelo consumo industrial de energia elétrica.

Dentre os componentes da demanda interna, a Despesa de Consumo das Famílias cresceu 9,3%, sendo o vigésimo sexto crescimento consecutivo nessa comparação, voltando ao mesmo patamar de crescimento do terceiro trimestre de 2008, período em que a crise financeira intensificou seus efeitos no país.

Quanto a Despesa de Consumo da Administração Pública, esta cresceu 2,0% em relação ao mesmo período de 2009.

A Formação Bruta de Capita Fixo – FBKF, registrou o maior crescimento (26,0%) da série, iniciada em 1995, principalmente com o crescimento da produção interna de máquinas e equipamentos. A Construção Civil também registrou o maior crescimento (14,9%) desde o início da série em 1995, resultado que também contribuiu para o desempenho da FBKF.

Pelo lado da demanda externa, as Exportações de Bens e Serviços cresceram 14,5% em relação ao mesmo trimestre de 2009. As Importações de Bens e Serviços registraram crescimento de 39,5%, o maior crescimento de toda a série nesta base de comparação. Os produtos da pauta de importação que mais influenciaram o resultado final foram: material eletrônico, madeira e mobiliário, material elétrico, siderurgia, outros produtos do refino, veículos automotores e químicos diversos.

Em relação a participação dos setores de atividade no PIB, sob a ótica da oferta, o componente com maior participação no PIB no primeiro trimestre foi o Serviços com 58,0%. Com este resultado, manteve estabilidade na comparação com o trimestre anterior, quando registrou participação de 58,5%. A

Agropecuária registrou participação de 5,2%. A Indústria por seu turno, registrou participação de 21,8% no PIB.

Pela ótica da demanda, o Consumo das Famílias permanece como maior item do PIB, com 63,7%. O Consumo do Governo registrou participação de 19,0% do PIB, e a Formação Bruta de Capital Fixo apresentou participação de 18,0%.

Emprego

Nesse processo de retomada do crescimento, a evolução do emprego formal, também é expressiva. Em maio, foram gerados no Brasil 298.041 novos postos de trabalho, registrando recorde para o mês. No ano, foram criados 1.260.368 novos postos, número que já superou a geração de empregos para todo ano de 2009. Nos últimos doze meses, o incremento foi de 2.075.467 novos postos de trabalho.

O bom desempenho no mercado formal de trabalho é reflexo do aquecimento observado na economia desde o início de 2010, da manutenção do mercado interno sustentado pela expansão da massa salarial, da oferta de crédito, dentre outros estímulos, que vêm beneficiando a expansão do emprego desde o período mais

crítico quando o país sofreu os efeitos da crise financeira internacional.

Por setor de atividade econômica, o destaque no mês de maio ficou com o setor de Serviços, responsável pela geração de 86.104 novos postos de trabalho, seguido pela Agricultura com a criação de 62.247 novos empregos, Indústria de transformação com a geração de 62.220 novas vagas, Comércio 43.465 e Construção Civil com geração de 39.082 novos postos de trabalho.

No desempenho regional, segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, todas as regiões registraram expansão no nível de emprego em maio, com destaque para a região Sudeste com a criação de 189.501 novos empregos, seguida pela região Nordeste (45.827 novos postos), a região Sul foi responsável pela criação de 34.080 novos empregos a região norte gerou 11.959 novas vagas. Vale destacar, que as regiões Nordeste, Sul e Norte registraram saldos recordes.

Por unidade da federação, observa-se que vinte e cinco estados apresentaram elevação no nível de emprego em maio. Em números absolutos, São Paulo liderou a criação de empregos,

com 98.624 postos de trabalho abertos, seguido por Minas Gerais, com 60.873 novas vagas, e em terceiro o Rio de Janeiro com 22.250 novas vagas. Quanto aos estados que registraram fechamento de vagas, estão Amapá (-160 postos) e Roraima (-117 postos).

Tabela 2
Evolução do Emprego Formal segundo Setor de Atividade Econômica- 2009-2010(dados até abril)

Setores	2009		2010	
	Saldo Jan-mai	%	Saldo Jan-mai	%
Extrativa mineral	-1.535	-0,89	7.360	4,30
Indústria de Transformação	-146.478	-1,98	349.663	4,71
Serviços industriais de utilidade pública	2.828	0,80	8.723	2,48
Construção civil	61.084	3,16	205.194	9,07
Comércio	-50.500	-0,71	117.504	1,59
Serviços	212.558	1,67	432.578	3,28
Total	180.011	0,56	1.260.368	3,82

Fonte:CAGED/MTE
Elaboração:DIEESE

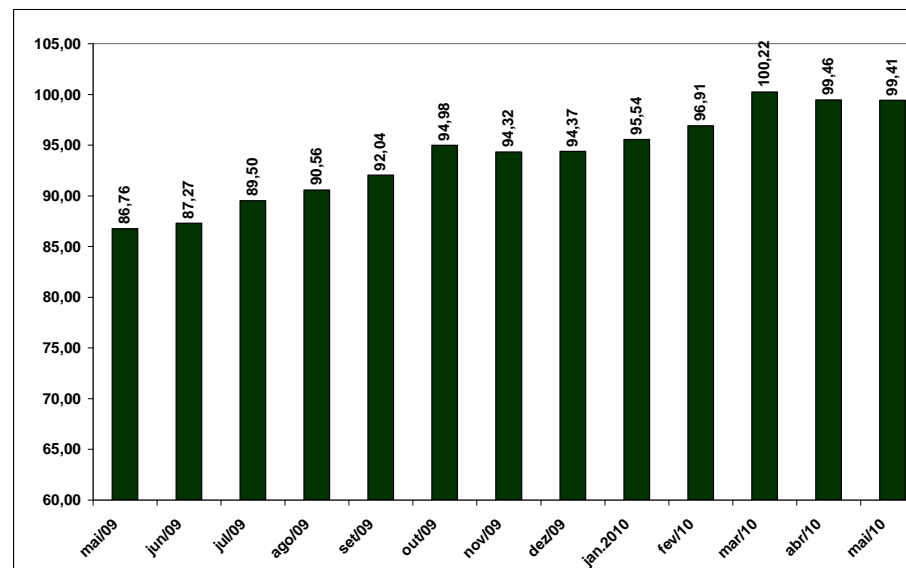
Produção

Em 2009, tanto o desempenho da indústria geral quanto a de transformação sofreu forte retração da produção física de 7,4% e 7,3% respectivamente. Consequencia dos efeitos da crise financeira internacional. Vale ressaltar, que a indústria foi o setor mais atingido pela referida crise. No primeiro semestre de 2009, o resultado da indústria geral registrou retração de 13,4%,no

entanto o segundo semestre a queda foi bem menor (-1,7%), evidenciando a recuperação do setor, confirmado pelo avanço de 5,8% da produção física no último trimestre do ano.

Em 2010, os resultados da produção industrial mostram a recuperação da indústria no cenário pós-crise. De janeiro a maio a Indústria acumula alta de 17,3%. Em maio, a produção registrou estabilidade 0,0% em relação ao mês anterior, na série livre de ajustes sazonais. Nos últimos doze meses a produção acumulou alta de 4,5%, sendo este o maior resultado nesta base de comparação desde novembro de 2008. Vale destacar, que o resultado registrado em maio confirma a tendência de que a Indústria não repetirá no segundo trimestre e possivelmente nos demais o ritmo mais intenso verificado nos primeiros três meses do ano, ou seja, o resultado dos últimos dois meses, representa uma acomodação e não uma reversão da tendência de crescimento para o restante do ano. O resultado de maio também sugere que é menor o risco de aquecimento do nível de produção, que era um movimento esperado, o que reduz as possibilidades de surgimento de gargalos e consequentemente pressões inflacionárias.

Gráfico 1
Produção Física Industrial no Brasil
Julho de 2008 a maio de 2009. (Índice de base fixa com
ajuste sazonal – base: julho/2008=100)



Fonte: IBGE

Utilização Média da Capacidade Instalada

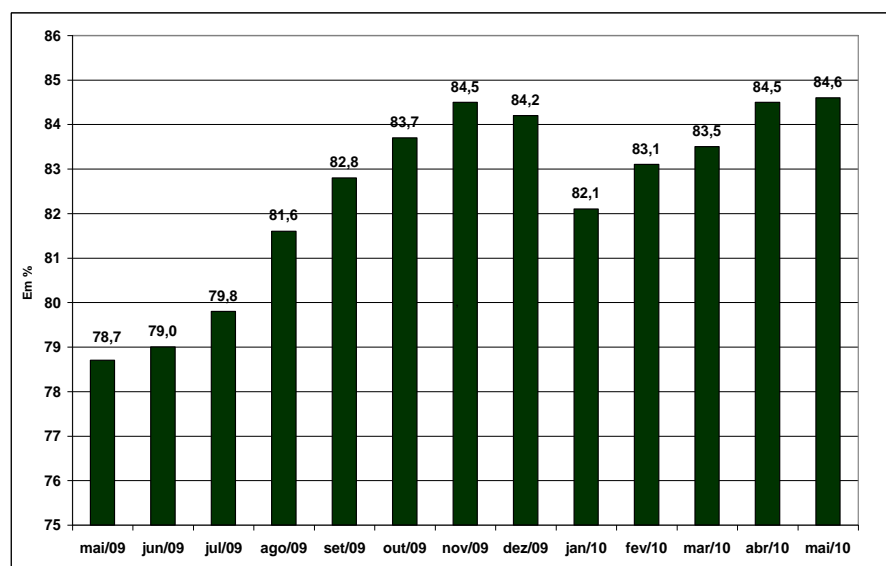
O processo de retomada da produção industrial também é percebido pelo comportamento dos dados sobre a utilização média da capacidade instalada.

A utilização média da capacidade instalada da indústria da transformação, calculada pela Fundação Getúlio Vargas – FGV,

manteve-se estável em maio (na série sem ajuste sazonal) ao passar de 84,5% para 84,6%. Em relação a maio de 2009 o indicador registrou crescimento de 7,5%, evidenciando a recuperação da indústria no cenário pós-crise. Apesar da recuperação observada, o Nível da Utilização da Capacidade Instalada da Indústria – NUCI médio ainda não superou o patamar recorde da série histórica (87,2% em novembro de 2007), o que demonstra que a indústria ainda possui margem para crescer sem pressões inflacionárias.

Gráfico 2

**Utilização Média da Capacidade Instalada no Brasil
Maio de 2009 a maio de 2010**



Fonte: FGV

Comércio

Os indicadores do comércio varejista mostram que apesar dos efeitos da crise financeira mundial, o setor apresentou índices de desempenho confortáveis em 2009, diferentemente de outros setores da economia.

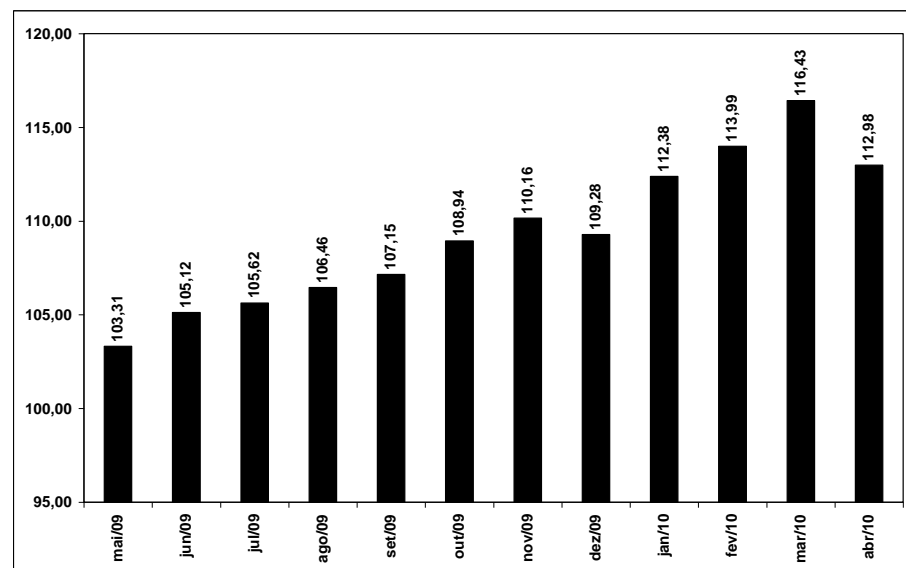
Em 2009, embalado pelo dinamismo do mercado interno, por meio da recuperação do emprego e da expansão da massa salarial, o setor vendeu 5,9% a mais do que em 2008 e a receita com vendas cresceu 10%. Aliás, foi justamente a contribuição do consumo das famílias, com crescimento de 4,1%, que evitou uma retração maior da economia brasileira em 2009. Outro importante indicador para o desempenho do setor se refere a massa de rendimentos, pois sinaliza a capacidade de consumo da sociedade. Em 2009 esse indicador cresceu 2,9%. O aumento do salário mínimo, os reajustes dos pisos regionais, os programas de transferências de renda, a recuperação do emprego ao longo do ano e os bons resultados das negociações salariais contribuíram para a melhoria dos rendimentos.

Os números do comércio também foram impulsionados pela expansão do crédito, que, apesar da crise, atingiu 45% do PIB no final de 2009, diante dos 40,8% em 2008. Outro aspecto que

também deve ser levando em consideração são as reduções de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), que potencializaram o consumo em 2009, gerando recordes de vendas de veículos e aumentando significativamente a comercialização de eletrodomésticos e materiais de construção. Em abril de 2010, o comércio varejista registrou resultado negativo de (-3,0%) para o volume de vendas e estabilidade para a receita nominal ao registrar pequeno incremento de 0,3%. Vale destacar que o recuo verificado no volume de vendas, foi o primeiro registrado para o setor em 2010. Na análise do primeiro quadrimestre, o setor segue com índices confortáveis de desempenho, tanto no que se refere ao volume de vendas, com alta de 11,8%, quanto à receita nominal, com crescimento de 15,0%. Na comparação de abril com o mesmo mês do ano anterior, observa-se um incremento de 9,1% no volume de vendas e de 13,2% na receita nominal. Alguns fatores pontuais podem explicar, em certa medida, a aceleração das vendas nos primeiros meses de 2010. O primeiro deles se refere à ocorrência da Páscoa no mês de março, enquanto no ano passado fora em abril. Isso ampliou muito o crescimento de certos setores, como supermercados e hipermercados, na comparação com março de 2009. O segundo é em relação ao setor de Móveis e Eletrodomésticos, que mesmo com

encerramento do incentivo tributário (IPI) em janeiro de 2010, pode ter formado estoques, oferecendo produtos a preços mais acessíveis. E, finalmente, deve ser levada em conta a explosão de vendas de veículos, motos, partes e peças em razão do encerramento, após março, do benefício fiscal (IPI).

GRÁFICO 3
Índice de Volume de Vendas no Comércio Varejista
(com ajuste sazonal)
Brasil – abr/09 a abr/10



Fonte: IBGE
 Elaboração: DIEESE

II. Desempenho da Indústria

Em 2009, tanto o desempenho da indústria geral quanto a de transformação sofreu forte retração da produção física de 7,4% e 7,3% respectivamente. Consequência dos efeitos da crise financeira internacional. Vale ressaltar, que a indústria foi o setor mais atingido pela referida crise. No primeiro semestre de 2009, o resultado da indústria geral registrou retração de 13,4%, no entanto o segundo semestre a queda foi bem menor (-1,7%), evidenciando a recuperação do setor, confirmado pelo avanço de 5,8% da produção física no último trimestre do ano.

Em 2010, os resultados da produção industrial mostram a recuperação da indústria no cenário pós-crise. De janeiro a maio a produção industrial acumula alta de 17,3%. Após o recuo de 0,8% em abril, a produção física industrial registrou variação nula em maio, na série livre dos efeitos sazonais. A estabilidade da produção registrada em maio no mesmo patamar de abril, contribuiu para a expansão de produção em dezesseis ramos e do recuo em onze dos vinte e sete ramos pesquisados. Dentre os ramos que registraram taxas positivas, os principais destaques foram bebidas (4,8%), material eletrônico e

equipamentos de comunicações (6,1%), veículos automotores (1,4%), máquinas para escritório e equipamentos de informática (5,7%), minerais não-metálicos (1,9%) e celulose e papel (1,7%). Em contraposição, as principais influências negativas foram verificadas em refino de petróleo e produção de álcool (-4,6%), em razão de paralisações técnicas programadas em refinarias do setor, em alimentos (-1,7%), após acumular crescimento de 8,3% nos últimos quatro meses, farmacêutica (-4,6%) e produtos de metal (-3,0%).

Por categoria de uso, descontados os efeitos sazonais três dos quatro segmentos da indústria registraram variação positiva na passagem de abril para maio. Pelo terceiro mês consecutivo, a produção de bens de capital registrou a maior taxa de crescimento: 1,2%. Com este resultado, a produção de bens de capital acumula no período alta de 42,5%. Além de sinalizar a ampliação da oferta para atender a uma maior demanda por máquinas e equipamentos, essa evolução do setor de bens de capital é um indicador seguro que os investimentos realizados na economia brasileira continuam avançando. Quanto aos setores produtores de bens intermediários e de bens de consumo duráveis, estes registraram incremento de 0,1%. Por outro lado, registrou queda de produção, o segmento de bens de

consumo semiduráveis e não-duráveis com variação negativa de 0,9%. Com este segundo resultado negativo consecutivo nessa base de comparação, esse segmento acumula perda de 2,2%, possivelmente em razão de ajuste de estoques.

Na comparação com maio de 2009, a produção industrial avançou 14,8%. Esse resultado reflete a expansão generalizada em vinte e três dos vinte e sete ramos e em 75,8% dos produtos pesquisados. Dentre os setores com aumento de produção, as maiores influências positivas vieram, por ordem de importância, veículos automotores (29,0%), máquinas e equipamentos (39,1%), metalurgia básica (29,5%), produtos de metal (33,1%), indústrias extrativas (15,7%), alimentos (6,7%) e outros produtos químicos (12,8%).

Ainda nessa base de comparação, observa-se que os quatro segmentos da indústria por categoria de uso registraram crescimento, com destaque para a forte alta na produção de bens de capital 38,5%, com ritmo de expansão muito superior ao da média global da indústria. Resultado sustentado pelo aumento a dois dígitos em quase todos os seus subsetores, com destaque para bens de capital para transporte (34,2%), impulsionado pelos itens caminhão-trator e caminhões, e para uso misto (46,7%), impulsionado pelos itens equipamentos para

telefonia e produtos de informática no segundo, seguidos por bens de capital para construção (154,4%), para uso industrial (33,6%) e agrícola (51,2%).

A produção industrial nos primeiros cinco meses de 2010, acumula alta de 17,3%. O crescimento teve perfil generalizado, atingindo vinte cinco dos vinte e sete setores e cerca de 78% dos produtos pesquisados. Nesse sentido, merece destaque o desempenho da atividade de veículos automotores (34,7%), que permaneceu com o impacto positivo mais significativo sobre a média global, influenciada pela expansão em 96% dos seus produtos, seguido por máquinas e equipamentos (42,5%), metalurgia básica (33,1%) e outros produtos químicos (22,1%).

Na opinião de especialistas do setor, os resultados da produção industrial de maio confirmam a tendência de um ritmo de crescimento menor nos próximos meses, contudo está mantida a perspectiva de uma expansão significativa das atividades industriais. A projeção é de um crescimento menor, porém mais equilibrado entre os diferentes segmentos da indústria e da criação de maior capacidade produtiva.

TABELA 3
Indicadores da Produção Industrial por Classes da Indústria e Categorias de Uso - Brasil – janeiro a maio de 2010

Segmentos	Variação %			
	mai-10/abr-10 (com ajuste)	mai-10/mai-09	Acumulado no ano	Acumulado em 12 meses
Classe de Indústria				
Indústria Geral	0,0	14,8	17,3	4,5
Indústria Extrativa Mineral	1,9	15,7	18,0	3,7
Indústria de Transformação	-1,0	14,8	17,2	4,6
Categorias de Uso				
Bens de Capital	1,2	38,5	30,6	0,8
Bens Intermediários	0,1	15,8	18,5	4,8
Bens de Consumo	-0,5	7,5	11,3	4,6
Duráveis	0,1	15,4	23,8	11,6
Semi-duráveis e não duráveis	-0,9	5,1	7,8	2,6

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal
 Elaboração: DIEESE

Segmentos	Variação %				
	jan/10	fev/10	mar/10	abr/10	mai/10
Classe de Indústria					
Indústria Geral	1,1	1,5	3,4	-0,7	0,0
Indústria Extrativa Mineral	2,7	0,6	0,3	1,9	1,9
Indústria de Transformação	0,9	1,4	3,3	-1,0	-1,0
Categorias de Uso					
Bens de Capital	-0,1	1,7	4,1	2,4	1,2
Bens Intermediários	2,0	-0,5	1,6	0,5	0,1
Bens de Consumo	1,1	2,1	2,5	-1,5	-0,5
Duráveis	8,6	0,7	0,1	0,5	0,1
Semi-duráveis e não duráveis	0,4	2,4	1,1	-0,8	-0,9

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal
 Elaboração: DIEESE

No que diz respeito as demais classes da indústria, na passagem de abril a maio, descontados os efeitos da sazonalidade, as demais classes da indústria registraram variação negativa. Enquanto a indústria da transformação recuo 0,1%, a indústria extrativa retraiu 0,8%.

Nas demais bases de comparação, ambas as classes da indústria registraram crescimento. Na série mensal, a indústria de transformação avançou 14,8% e a extrativa mineral elevou o nível de produção em 15,7%. Nos cinco primeiros meses do ano, a indústria de transformação acumula alta de 17,2% e a indústria extrativa mineral alta de 18,0%. Em doze meses terminados em maio, a indústria de transformação avançou 4,6% e a indústria extrativa registrou acréscimo de 3,7%.

Na avaliação dos últimos doze meses, considerando como base de comparação o mês de julho de 2008 (índice igual a 100), observa-se que o processo de recuperação da indústria segue ocorrendo de maneira gradual ao nível de produção anterior à crise. Dentro deste processo de recuperação destaca-se a produção de veículos automotores, máquinas e equipamentos, Borracha e plástico, Madeira, Calçados e Artigos de Couro e têxtil (tabela 4)

Tabela 4
Variação na Produção Física de Seções e Atividades Industriais no Brasil - mai/09 a maio de 2010 – Base (julho de 2008=100)

Seções e atividades industriais	mai/09	jun/09	jul/09	ago/09	set/09	out/09	nov/09	dez/09	jan/10	fev/10	mar/10	abr/10	mai/10
1. Indústria geral	-13,24	-12,73	-10,50	-9,44	-7,96	-5,02	-5,68	-5,63	-4,46	-3,09	0,22	-0,54	-0,59
2. Indústria extrativa	-15,36	-10,85	-10,48	-10,00	-8,46	-7,54	-7,77	-6,88	-4,10	-3,45	-2,93	-0,97	-1,77
3. Indústria de transformação	-12,78	-12,71	-10,72	-9,46	-7,66	-6,30	-4,82	-4,38	-3,42	-2,18	0,99	-0,07	-0,14
3.1 Alimentos e bebidas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3.2 Alimentos	-0,27	-4,08	-2,65	-2,21	-2,93	-0,06	-0,26	-1,02	0,69	0,83	5,48	7,16	5,35
3.3 Bebidas	6,79	6,05	7,56	8,78	9,24	14,16	12,75	11,08	19,36	18,26	27,96	13,29	18,77
3.4 Fumo	-12,58	-10,49	-7,23	-12,37	-15,84	-18,14	-19,67	-18,40	-22,43	-18,61	-19,22	-20,71	-19,80
3.5 Têxtil	-10,62	-11,25	-8,13	-9,02	-6,75	-4,75	-3,19	-6,29	-2,02	-1,23	1,40	-0,69	-2,24
3.6 Vestuário e acessórios	-9,50	-8,60	-8,37	-3,45	-12,76	-8,81	-5,45	-5,09	1,67	-7,53	0,42	0,86	3,72
3.7 Calçados e artigos de couro	-12,36	-14,36	-12,03	-10,78	-7,52	-3,75	-3,90	-0,47	0,66	-0,95	2,55	2,35	2,48
3.8 Madeira	-18,22	-22,26	-18,30	-17,80	-18,33	-12,78	-9,57	-8,59	-8,03	-9,29	-6,26	0,84	1,28
3.9 Celulosa, papel e produtos de papel	-3,95	-3,47	-2,42	-0,15	-0,53	0,59	0,92	1,15	1,15	-0,08	6,14	0,84	2,32
3.10 Edição, impressão e reprodução de gravações	-7,03	-6,70	-4,59	-6,14	-3,95	-1,68	-4,40	-4,83	-9,17	-3,01	1,13	-3,33	-3,80
3.11 Refino de petróleo e álcool	-5,63	-5,55	-6,33	-2,62	-6,16	-5,22	-1,82	-1,05	-2,20	-4,76	-13,36	-1,86	-6,35
3.12 Produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3.13 Farmacêutica	15,65	8,35	12,10	10,73	9,22	13,67	9,74	17,95	11,40	29,36	14,06	12,64	7,42
3.14 Perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza	8,05	4,41	10,45	6,45	12,18	9,47	8,76	9,28	6,71	7,77	12,39	8,70	9,07
3.15 Outros produtos químicos	-12,21	-8,73	-7,05	-7,19	-5,11	-6,66	-6,73	-4,57	-0,62	0,59	2,42	-1,34	-1,56
3.16 Borracha e plástico	-19,66	-18,47	-13,27	-13,23	-10,86	-8,75	-6,60	-4,52	-3,67	-3,76	-2,71	-1,98	-2,06
3.17 Minerais não metálicos	-9,89	-9,69	-5,61	-7,01	-5,88	-4,55	-2,77	-1,55	-2,74	-1,26	0,41	1,59	3,52
3.18 Metalurgia básica	-24,87	-23,07	-19,48	-16,99	-14,66	-12,48	-11,16	-10,57	-8,04	-5,59	-5,60	-3,98	-3,09
3.19 Produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos	-20,69	-22,17	-20,37	-19,80	-17,90	-16,93	-15,18	-2,78	8,82	6,79	7,67	7,42	4,22
3.20 Máquinas e equipamentos	-27,93	-27,65	-20,64	-18,89	-14,06	-12,28	-7,58	-6,26	-6,18	-3,99	1,23	0,20	-0,63
3.21 Máquinas para escritório e equipamentos de informática	-19,85	-15,81	-5,54	-5,91	-10,02	-10,21	-5,80	-4,33	-10,28	-0,17	8,16	1,25	7,03
3.22 Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-22,45	-21,73	-26,17	-22,20	-19,62	-17,09	-17,81	-15,61	-12,92	-13,27	-11,35	-9,81	-11,90
3.23 Material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações	-29,70	-30,00	-26,97	-20,33	-18,09	-15,60	-19,65	-31,20	-22,24	-22,79	-19,43	-15,76	-10,67
3.24 Equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros	-18,66	-17,35	-18,79	-20,12	-9,28	-14,86	-9,94	-8,62	-8,83	-10,71	-1,35	-0,68	3,11
3.25 Veículos automotores	-24,35	-21,86	-21,29	-18,72	-15,21	-5,60	-7,66	-8,71	-10,23	-10,71	-1,09	-2,79	-1,41
3.26 Outros equipamentos de transporte	8,62	4,24	7,52	2,95	4,43	9,03	0,86	-2,27	3,03	4,05	0,69	5,87	7,87
3.27 Mobiliário	-9,54	-7,17	-5,05	-1,80	-2,70	2,16	1,27	0,82	5,41	7,69	12,80	4,22	5,18
3.28 Diversos	-13,63	-18,00	-14,69	-9,54	-1,36	-4,58	-4,61	-5,03	-7,78	-0,38	-2,61	1,67	7,99

Fonte: IBGE

II.1 – Emprego

De acordo com os últimos dados do CAGED, a Indústria da Transformação gerou em maio 62.220 novos postos de trabalho, enquanto que no mesmo período de 2009, a geração de empregos no setor foi de apenas 700 postos. No acumulado de janeiro a maio de 2010 foram criados mais de 349 mil novos empregos, com participação de aproximadamente 28% no total geral de novos postos de trabalho criados até maio.

No mês em questão, todos os subsetores da indústria geraram postos de trabalho, com destaque para as Indústrias de Produtos Alimentícios que geraram 13.911 novas ocupações, Têxtil com criação de 9.209 novos postos, Material de Transporte 7.285 e Metalúrgica com 6.879 novos empregos. No acumulado de janeiro a maio a Indústria Metalúrgica lidera o ranking com a criação de 47.467 novos empregos, seguida pela Têxtil 43.370 e Produtos Alimentícios com a geração de 44.528 novos postos de trabalho.

Os dados recentes de geração de empregos evidenciam a recuperação da indústria, visto que foi o setor mais afetado pela crise financeira internacional. Vale destacar que os resultados dos últimos meses colocam a indústria no patamar anterior a eclosão da crise no que diz respeito a geração de postos de trabalho formais.

TABELA 5
Evolução do Emprego por Setores e Subsetores da
Indústria no Brasil - Saldo Mensal e Acumulado de janeiro a
maio de 2010

SETORES	jan/10	fev/10	mar/10	abr/10	mai/10	Acumulado em 2010
Extrativa mineral	1.192	1.463	1.423	1.323	1.959	7.360
Indústria de Transformação	68.920	63.024	72.440	83.059	62.220	349.663
Indústria metalúrgica	3.758	2.107	2.207	3.358	2.538	13.968
Indústria do material de transporte	11.614	10.104	10.111	8.759	6.879	47.467
Indústria mecânica	8.622	6.694	5.634	4.864	4.110	29.924
Indústria do material elétrico e de comunicações	4.926	2.925	3.975	2.052	3.033	16.911
Indústria da madeira e do mobiliário	5.917	5.096	6.579	6.777	7.285	31.654
Indústria de produtos minerais não metálicos	4.619	2.457	2.702	4.870	2.563	17.211
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	2.265	1.058	1.134	1.520	2.073	8.050
Ind. química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria, ...	5.048	7.153	9.695	4.962	3.716	30.574
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	7.637	5.128	5.872	5.704	5.355	29.696
Ind. da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	8.156	6.428	11.485	10.092	9.209	45.370
Indústria de calçados	7.766	10.026	9.254	5.716	1.548	34.310
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	-1.408	3.848	3.792	24.385	13.911	44.528
Serviços industriais de utilidade pública	2.538	1.830	1.593	1.804	958	8.723
Construção civil	54.330	34.735	38.629	38.418	39.082	205.194
Total*	181.419	209.425	266.415	305.068	298.041	1.260.368

Fonte: MTE/CAGED

Elaboração: DIEESE

* Total da evolução de empregos geral na economia em 2009 (inclui Comércio, Serviços, Administ. Pública Direta e Autárquica e Agricultura, Silvicultura, Criação de Animais, Extrativismo Vegetal).

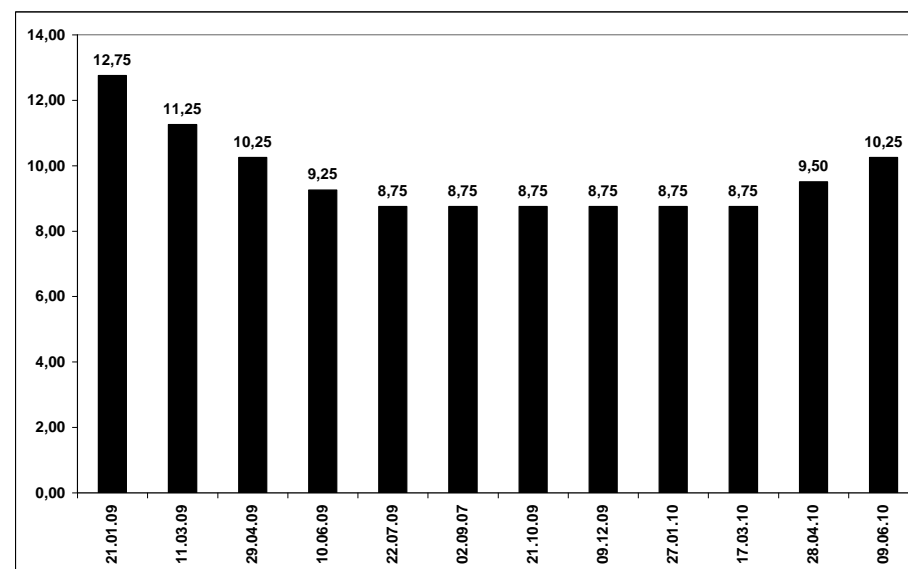
Taxa de Juros

Sem surpresas, o Comitê de Política Monetária do Banco Central –COPOM elevou em 0,75 ponto percentual a taxa Selic, passando a meta para 10,25% ao ano. A decisão já era esperada pelo mercado, e os argumentos se concentraram

Visite nossa homepage: <http://www.cnti.org.br>

novamente no aquecimento da atividade econômica e na inflação. Além disso, o resultado do PIB do primeiro trimestre, ao registrar crescimento de 9,0% em relação ao trimestre anterior, corroborou a necessidade da contração da demanda doméstica.

GRÁFICO 4
Decisões do Copom sobre a Meta da Taxa Selic
2009-2010 - % a.a



Quanto aos argumentos contrários ao aumento da taxa de juros, merece destaque os dados quanto a Utilização da Capacidade Instalada – NUCI. No mês de maio o NUCI atingiu 84,6% , porém os últimos resultados da produção industrial mostram que

Visite nossa homepage: <http://www.cnti.org.br>

a ampliação da capacidade produtiva está em curso. Dados que podem ser confirmados ao se verificar a trajetória de crescimento dos bens de capital e dos intermediários, que acumulam no ano avanço de 28,7% e 19,2%, respectivamente.

Desempenho que se traduz na ampliação da oferta de bens e serviços na economia, reduzindo o risco inflacionário.

A trajetória dos preços iniciou 2010 em alta, contudo os dados mais recentes já dão conta do arrefecimento da inflação, com estimativa para fechar 2010 em 5,61%, ainda dentro da meta estipulada pela Autoridade Monetária de 4,5% com intervalo de tolerância de 2,0 pontos percentuais para mais ou para menos, segundo dados do Boletim Focus divulgados pelo Banco Central do Brasil.

TABELA 6
Varição Mensal e Acumulada da Inflação no Brasil
200-2010

	Em %		
Período	ICV-DIEESE	INPC-IBGE	IPCA-IBGE
2006	2,57	2,81	3,14
2007	4,80	5,16	4,46
2008	6,11	6,48	5,90
2009	4,04	4,11	4,31
jan/10	1,72	0,88	0,75
fev/10	0,59	0,70	0,78
mar/10	0,47	0,71	0,52
abr/10	0,22	0,73	0,57
mai/10	0,15	0,43	0,43
jun/10	0,02	-0,11	0,00
DATA BASE 1° DE			
JULHO DE 2010	5,57	4,76	4,84

Fonte: DIEESE e IBGE

Câmbio

O saldo da balança comercial no período de janeiro a maio de 2010 de US\$ 5.619 milhões, revelou significativa redução na comparação com o mesmo período de 2009, quando registrou saldo de US\$ 9.304 milhões.

Apesar da retomada do crescimento das exportações o crescimento das importações manteve-se em alta no período. A força da demanda interna e o câmbio valorizado aumentaram significativamente as compras externas de bens intermediários,

que registraram alta de 51,3%, e de bens duráveis, com aumento de 77,1% nos primeiros cinco meses do ano.

O superávit da balança comercial não foi suficiente para equilibrar a balança de transações correntes. Os mais de US\$ 18 bilhões de déficit no período de janeiro a maio elevam a perspectiva de um déficit expressivo para este ano, comparativamente ao ano anterior. Nessa perspectiva pode alcançar cerca de 3% do Produto Interno Bruto (PIB). Parte desse déficit é explicada pelas remessas de dividendos, lucros e juros ao exterior por parte das empresas que operam no Brasil. Apesar do elevado nível de reservas, a economia brasileira corre o risco de intensificar novamente sua crônica dependência de fluxos de capital financeiro, traço estrutural do subdesenvolvimento brasileiro que se torna agudo em cenários de crise mundializada, como as vividas no início da década de 1980 e no final da década de 1.990.

No modelo de câmbio flutuante, a taxa de câmbio é bastante sensível às expectativas futuras dos agentes econômicos, cujo movimento de capital internacional está permanentemente em busca de melhores aplicações. Nesse sentido o aumento da taxa de juros age como um atrativo a mais para o capital

especulativo, com reflexo direto na taxa de câmbio no sentido de manter a apreciação da moeda nacional.

Por outro lado, o déficit em Transações correntes não criará problemas no curto prazo, pois os investimentos estrangeiros diretos previstos para este ano de US\$ 45 bilhões praticamente cobrem o déficit projetado até o final do ano. As reservas cambiais de US\$ 254 bilhões permitirão ao país enfrentar ataques especulativos ou uma nova crise internacional. A dívida externa de US\$ 212 bilhões, por ser preponderantemente privada também permite ao governo ter certa tranquilidade em relação aos pagamentos externos. Ou seja, numa hipótese limite, se não entrasse um centavo no país nos próximos anos, as reservas cambiais seriam suficientes para cobrir quatro anos do déficit em transações correntes. Mas este é assunto que o governo que assume em 2011 não pode mais empurrar com a barriga.

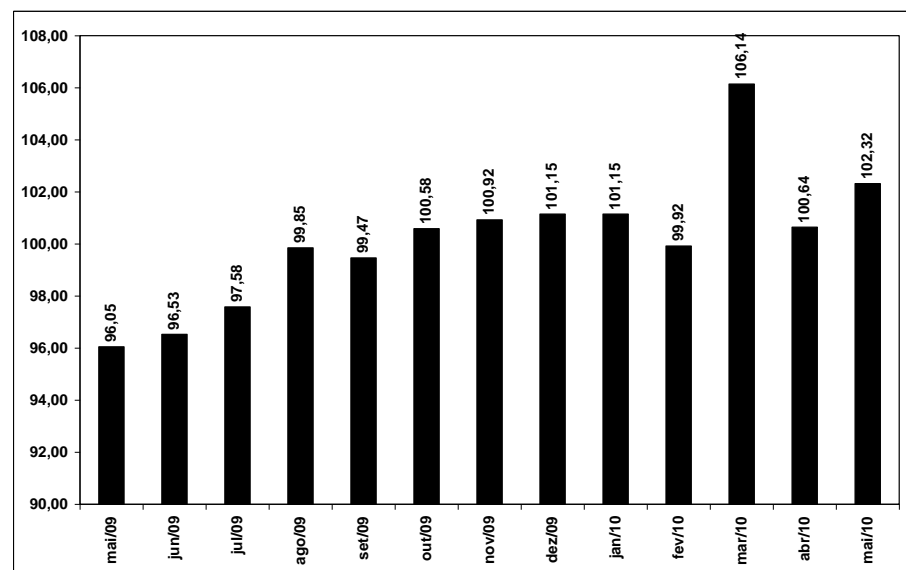
II. 3 – Setores Selecionados

II. 3.1 Papel e Celulose

A produção física de papel e celulose cresceu 1,2% entre janeiro e maio de 2010, segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal – PIM realizada pelo IBGE. Vale ressaltar, que a partir de outubro de 2009, o nível de produção do setor vem se mantendo acima do patamar anterior à crise. (Gráfico 5).

GRÁFICO 5

Índice da Produção Física da Indústria de Celulose, Papel e Produtos de Papel no Brasil – maio de 2009 a maio de 2010
Base: julho/2008=100)



Fonte: IBGE

Elaboração: DIEESE

Na comparação com maio de 2009, o subsetor de papel e celulose aumentou 6,52%. Neste sentido, vale ressaltar a fraca base de comparação em consequência dos desdobramentos da crise financeira.

De acordo com dados da Bracelpa (Associação Brasileira de Celulose e Papel), entre janeiro e maio de 2010 a produção (em toneladas) de celulose e de papel registrou crescimento de 10,7% e 8,2% respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

TABELA 7
Produção, Importação e Exportação de Papel e Celulose
Brasil – 2008 a 2009

Celulose	2008	2009	%	Jan-Mai		
				2009	2010 ⁽¹⁾	%
Produção	12.697	13.496	6,3	5.251	5.811	10,7
Importação ²	325	359	10,5	120	158	31,7
Exportação ²	7.040	8.229	16,9	3.125	3.526	12,8
Consumo Aparente	5.982	5.626	-6,0	2.246	2.443	8,8

Papel	2008	2009	%	Jan-Mai		
				2009	2010 ⁽¹⁾	%
Produção	9.409	9.368	-0,4	3.749	4.055	8,2
Importação ²	1.328	1.085	-18,3	361	582	61,2
Exportação ²	1.982	2.008	1,3	790	921	16,6
Consumo Aparente	8.755	8.445	-3,5	3.320	3.716	11,9

(1) Dados preliminares

Fonte: ² SECEX/Bracelpa - Associação Brasileira de Papel e Celulose

Ainda nessa base de comparação, a exportação e a importação de celulose registraram crescimento de 12,8% e 31,7% respectivamente.

Quanto ao consumo aparente (produção interna mais importação subtraído as exportações), o incremento nos cinco primeiros meses de 2010 foi de 8,8%.

Os dados referentes à produção (em toneladas) de papel mostram que de janeiro a maio de 2010 a produção registrou crescimento de 8,2% , na comparação com igual período de 2009. Os resultados referentes a importação e exportação registraram crescimento de 61,2% e 16,6% respectivamente. Quanto ao consumo aparente o incremento no referido período foi de 11,9%.

A balança comercial da indústria do papel e celulose, no período de janeiro a maio, em US\$ milhões de dólares (FOB – Livre de Fretes), registrou saldo positivo de US\$ 2.069 (US\$ 1.792 milhão proveniente do saldo da celulose e US\$ 277 milhões do papel), resultando em variação positiva de 47,5% na comparação com igual período do ano anterior. O saldo para o período de janeiro a maio de 2009 foi de US\$ 1.403 milhão, resultado influenciado pelos efeitos da crise financeira internacional.

Entre janeiro e maio de 2010, ocorreu um novo redirecionamento das exportações de celulose, com o aumento da participação da Europa de 38% para 45% e redução da participação da China de 34% para 26%, na comparação com igual período de 2009. Essa alteração do destino aos níveis anteriores ao período da crise reflete a retomada da atividade nos países europeus e a redução do ritmo da China.

O retorno da produção física de papel e celulose ao patamar anterior à eclosão da crise financeira e as informações da Bracelpa acerca da produção e exportação da celulose, confirmam a tendência de recuperação do setor.

Os dados referentes à evolução do mercado de trabalho formal é outro indicador que confirma os resultados da produção deste setor, com a geração de novos postos de trabalho. Em 2009, a recuperação foi observada a partir de maio, com redução em dezembro (fator sazonal). Em 2010, o saldo de geração de empregos nos primeiros cinco meses do ano supera 8 mil novos empregos, enquanto que no mesmo período de 2009, o setor eliminou mais de 7 mil postos de trabalho (tabela 8).

TABELA 8
Evolução do Emprego Formal na Indústria do Papel, Papelão, Editorial e Gráfica no Brasil – jan 2009 – mai 2010

Período	Admitidos	Desligados	Saldo
jan/09	9.543	11.117	-1.574
fev/09	8.672	10.681	-2.009
mar/09	9.417	12.064	-2.647
abr/09	9.436	10.824	-1.388
mai/09	10.209	9.781	428
jun/09	10.071	9.929	142
jul/09	11.035	10.505	530
ago/09	11.895	9.872	2.023
set/09	12.379	9.757	2.622
out/09	12.075	9.642	2.433
nov/09	10.896	9.673	1.223
dez/09	7.557	9.853	-2.296
Total 2009	123.185	123.698	-513
jan/10	11.855	9.590	2.265
fev/10	11.785	10.727	1.058
mar/10	13.626	12.492	1.134
abr/10	13.110	11.590	1.520
mai/10	13.263	11.190	2.073
Total 2010*	63.639	55.589	8.050

* Até maio

Fonte: CAGED/MTE
Elaboração: DIEESE

Por unidades da Federação, de janeiro a maio de 2010, o setor registrou eliminação de postos de trabalho em 4 estados, com destaque para Mato Grosso do Sul, com eliminação de 55

postos de trabalho e Roraima, com o fechamento de 32 postos. Por outro lado, São Paulo, Rio Grande Sul, Paraná e Santa Catarina, foram os maiores geradores de postos de trabalho nos cinco primeiros meses do ano, com a criação de 3.816, 882, 789 e 679 novos postos, respectivamente. (Tabela 9)

TABELA 9
Evolução do Emprego Celetista por Unidade da Federação no Subsetor do Papel e Celulose no Brasil

Unidade da Federação	Saldo	
	Jan-Mai 2009	Jan-Mai 2010
Rondônia	8	-32
Acre	1	-3
Amazonas	-231	70
Roraima	-1	10
Pará	-104	41
Amapá	21	17
Tocantins	-7	4
Maranhão	32	42
Piauí	-13	23
Ceará	-15	175
Rio Grande do Norte	-92	12
Paraíba	-32	175
Pernambuco	-280	133
Alagoas	6	60
Sergipe	-26	29
Bahia	-110	305
Minas Gerais	-562	376
Espírito Santo	-46	9
Rio de Janeiro	-473	318
São Paulo	-3874	3816
Paraná	-589	789
Santa Catarina	-89	679
Rio Grande do Sul	-604	882
Mato Grosso do Sul	54	-55
Mato Grosso	12	-17
Goiás	-198	186
Distrito Federal	22	6
Brasil	-7190	8050

Fonte: CAGED/MTE
Elaboração: DIEESE

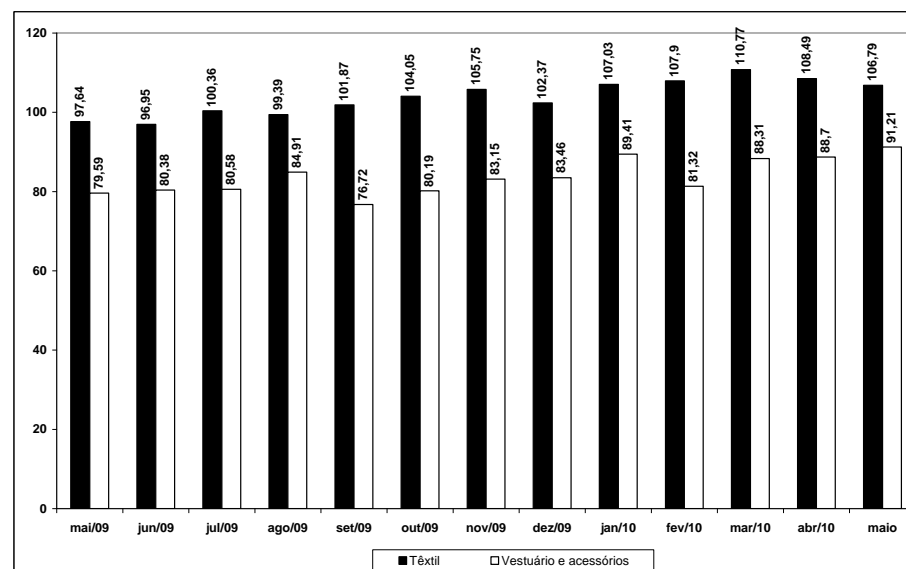
II. 3.2 – Setor Têxtil, do vestuário e artefatos de Tecidos

Os resultados da produção física da indústria Têxtil e do Vestuário ,divulgados pelo IBGE na série com ajuste sazonal, indicam que a produção do vestuário a partir de março de 2010 atingiu o nível de produção anterior à crise , quanto ao têxtil , apesar da trajetória indicar também crescimento, o nível da produção ainda não se consolidou ao nível anterior à crise, com exceção do mês de março de 2010.

Entre os meses de janeiro a maio, o setor Têxtil registrou crescimento de 4,3%, enquanto o vestuário cresceu 2,0%. Na comparação de maio com o mês imediatamente anterior, o vestuário registrou incremento de 2,8%, enquanto o têxtil registrou variação negativa de (-1,6%). Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a indústria têxtil registrou crescimento de 9,4% e o vestuário 14,6%.

Na avaliação da ABIT (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções), a produção de Têxteis em 2010 deve crescer cerca de 6,0% e de confecções 5,7% na comparação com 2009. O faturamento estimado para este ano deve atingir US\$ 50 bilhões.

GRÁFICO 6
Índice da Produção Física da Indústria Têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos no Brasil – Janeiro a maio de 2010 (base: julho/2008=100)



Fonte: BGE

Elaboração: DIEESE

As exportações do setor no período de janeiro a maio registraram queda de 0,35% na comparação com igual período de 2009. O total exportado nos cinco primeiros meses do ano alcançou US\$ 730 milhões, segundo dados da ABIT. Os principais destinos das exportações do setor são Argentina, Estados Unidos, Coréia do Sul, Indonésia, Paraguai, México e Uruguai. Vale destacar que com exceção da Indonésia e Coréia

do Sul, os demais registraram aumento no faturamento no período analisado.

Em sentido contrário, as importações cresceram 46,38% de janeiro a maio de 2010 na comparação com o mesmo período de 2009. O total importado atingiu o montante de US\$ 1,8 bilhão. Os principais fornecedores de artigos têxteis e de confecções para o país são a China, a Índia, Indonésia, Estados Unidos e Argentina. Em relação a China, vale destacar que no período em análise o total importado desse país alcançou o montante de US\$ 803 milhões o que corresponde a aproximadamente 43% do total importado pelo Brasil.

Os resultados favoráveis da produção física, também refletem no mercado de trabalho do setor de Têxtil e do Vestuário. No período de janeiro a maio de 2010, foram gerados cerca de 45 mil novos empregos no setor, enquanto que no mesmo período do ano anterior, o saldo foi negativo, com a eliminação de mais de 8 mil empregos.

TABELA 10
Evolução do Emprego Formal na Indústria Têxtil,
do Vestuário e Artefatos de Tecidos no Brasil
Janeiro de 2009 a abril de 2010

Período	Admitidos	Desligados	Saldo
jan/09	28.596	32.955	-4.359
fev/09	33.313	38.717	-5.404
mar/09	38.534	39.477	-943
abr/09	37.317	36.989	328
mai/09	36.778	34.654	2.124
jun/09	37.685	35.115	2.570
jul/09	41.505	35.372	6.133
ago/09	42.296	33.058	9.238
set/09	46.035	35.533	10.502
out/09	42.342	32.537	9.805
nov/09	35.223	31.088	4.135
dez/09	15.320	37.605	-22.285
Total 2009	434.944	423.100	11.844
jan/10	37.001	28.845	8.156
fev/10	44.188	37.760	6.428
mar/10	54.032	42.547	11.485
abr/10	49.463	39.371	10.092
mai/10	48.368	39.159	9.209
Total 2010*	233.052	187.682	45.370

* Até maio

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: DIEESE

No que diz respeito à geração de empregos por Unidade da Federação, os destaques no período de janeiro a maio ficaram com os estados de São Paulo (13.029 postos de trabalho), seguido por Santa Catarina (9.445 postos), Minas Gerais (5.759 postos de trabalho), e Paraná (4.308 postos de trabalho)

Por outro lado, o estado que mais destruiu postos de trabalho, foi Alagoas, com redução de 218 postos.

TABELA 11
Evolução do Emprego Celetista por Unidade da Federação na Indústria Têxtil e do Vestuário - Brasil

Unidade da Federação	Saldo	
	Jan-Mai 2009	Jan-Mai 2010
Rondônia	15	92
Acre	-46	-3
Amazonas	115	165
Roraima	6	3
Pará	-265	263
Amapá	6	-10
Tocantins	-15	-2
Maranhão	-36	-9
Piauí	-84	281
Ceará	-799	1.581
Rio Grande do Norte	-1.977	1.769
Paraíba	-265	343
Pernambuco	-50	954
Alagoas	-53	-218
Sergipe	-204	392
Bahia	45	605
Minas Gerais	-2.983	5.759
Espírito Santo	-42	356
Rio de Janeiro	-892	1.500
São Paulo	-4.895	13.029
Paraná	16	4.308
Santa Catarina	3.256	9.445
Rio Grande do Sul	1.036	2.748
Mato Grosso do Sul	315	754
Mato Grosso	31	306
Goiás	-476	938
Distrito Federal	-13	21
Brasil	-8.254	45.370

Fonte: CAGED/MTE
Elaboração: DIEESE

II. 3.3 – Setor Calçadista

A produção de calçados no período de janeiro a maio de 2010 registrou crescimento de 1,8%, segundo resultados da produção física calculada pelo IBGE. Na comparação com igual mês do ano anterior, o avanço da produção foi de 17,0%. Vale lembrar, que o nível de produção do setor já atingiu o nível anterior à crise. Neste sentido, o desempenho do setor contou com incentivo da taxa antidumping de US\$ 12,47, durante o período de vigência de setembro de 2009 a março de 2010, e que passou para US\$ 13,85 o par com vigência por cinco anos. Além disso, o mercado doméstico que é destino de 75% dos calçados produzidos, também teve forte contribuição na recuperação do setor.

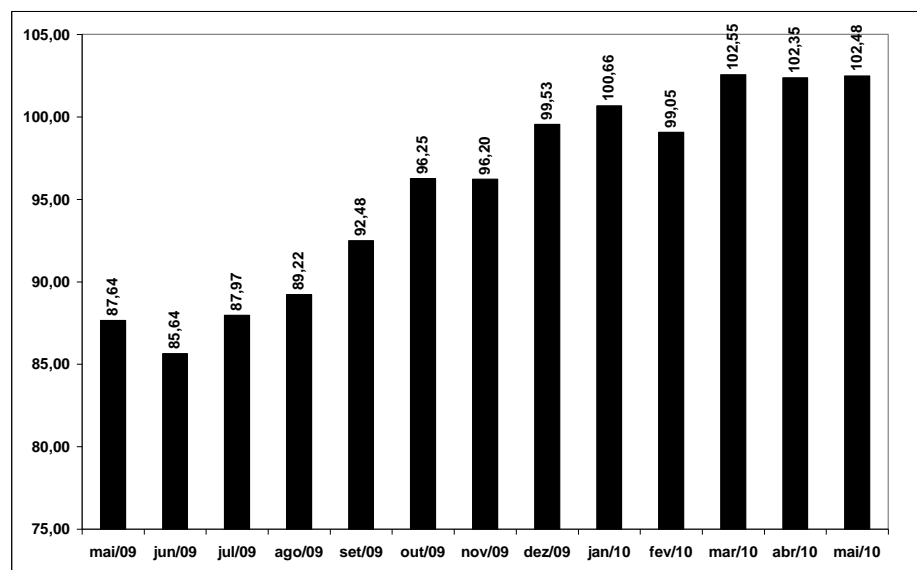
No que diz respeito ao comércio exterior do setor, de janeiro a maio de 2010, o setor calçadista exportou 69 milhões de pares de calçados, o que representa mais de US\$ 627 milhões, segundo informações da Abicalçados, com base em dados da Secretaria de Comércio Exterior – SECEX. O preço médio do par exportado ficou em US\$ 9,04. Na comparação com o mesmo período de 2009, esses resultados representam 12% de crescimento no faturamento e 21% em volume exportado, além de uma redução de 8,0% no preço médio.

Os principais compradores dos calçados brasileiros no período analisado foram os EUA, Reino Unido, Itália, Argentina e Espanha. Na comparação com o mesmo período de 2009, observou-se em todos estes países compradores, aumento tanto no valor do faturamento, quanto no volume exportado.

No que se refere às importações, nos cinco primeiros meses de 2010, foram importados 13,4 milhões de pares de sapatos, representando um montante de US\$ 121,7 milhões ao preço médio de US\$ 9,08. Em relação ao mesmo período do ano anterior, verificou-se queda tanto em valores (-17,8%), quanto no volume importado (-27%). As importações chinesas no período recuaram 60% em volume e 69% em valores, em consequência da aplicação da tarifa antidumping ao produto chinês. Por outro lado, aumentaram consideravelmente as importações da Malásia, Indonésia e Vietnã.

GRÁFICO 7

Índice da Produção Física de Calçados e Artigos de Couro no Brasil – Maio de 2009 a Maio de 2010 (base: julho/08=100)



Fonte: IBGE
Elaboração: DIEESE

Quanto ao nível de emprego no setor, os dados do CAGED, mostram que de janeiro a maio foram criados 34.310 empregos formais. Número bem superior ao registrado no mesmo período de 2009, quando foram criados apenas 7.333 novos postos.

TABELA 12

Evolução Mensal do Emprego Celetista na Indústria de Calçados e Artigos de Couro no Brasil – 2009 e 2010 *

Período	Admitidos	Desligados	Saldo
jan/09	10.765	9.885	880
fev/09	15.602	12.883	2.719
mar/09	19.430	15.012	4.418
abr/09	16.063	14.777	1.286
mai/09	12.467	14.437	-1.970
jun/09	12.649	12.461	188
jul/09	16.702	12.180	4.522
ago/09	21.889	12.915	8.974
set/09	21.516	12.623	8.893
out/09	18.546	13.526	5.020
nov/09	12.586	13.389	-803
dez/09	4.148	24.888	-20.740
Total 2009	182.363	168.976	13.387
jan/10	16.317	8.551	7.766
fev/10	24.024	13.998	10.026
mar/10	26.656	17.402	9.254
abr/10	21.694	15.978	5.716
mai/10	19.019	17.471	1.548
Total 2010*	107.710	73.400	34.310

* Até maio.

Fonte: CAGED/MTE
Elaboração: DIEESE

Dentre as unidades da Federação, as que mais geraram empregos no setor calçadista foram São Paulo, com a criação de 12.596 novos postos, Rio Grande do Sul, que gerou 9.247 novas ocupações, Minas Gerais criou 5.449 novos postos e a Bahia, com geração de 2.573 empregos. (Tabela 13)

TABELA 13

Evolução do Emprego Celetista por Unidade da Federação na Indústria de Calçados e Artigos de Couro - Brasil

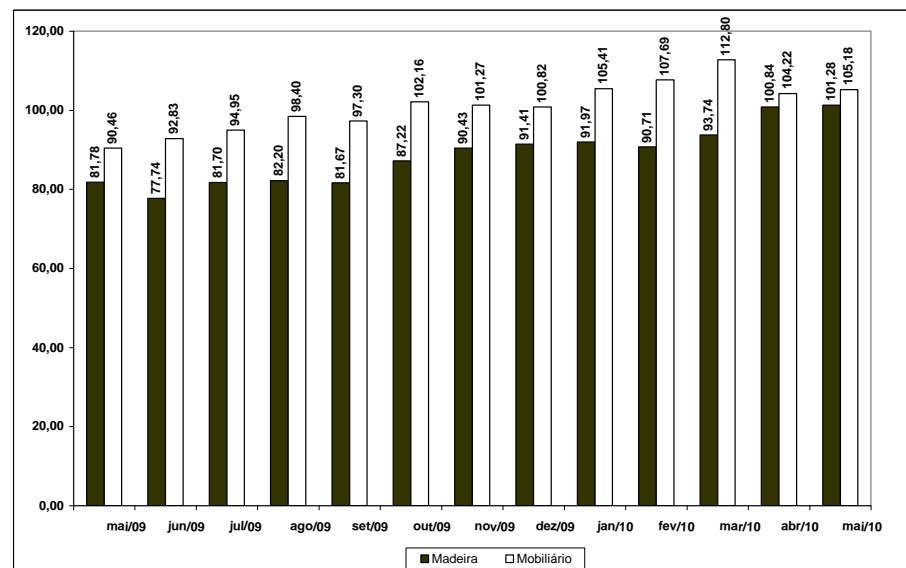
Unidade da Federação	Saldo	
	Jan-Mai 2009	Jan-Mai 2010
Rondônia	-1	-3
Acre	0	0
Amazonas	-1	0
Roraima	0	-1
Pará	13	29
Amapá	0	0
Tocantins	-3	1
Maranhão	-3	0
Piauí	14	-1
Ceará	3.542	1.812
Rio Grande do Norte	-107	55
Paraíba	-232	837
Pernambuco	-91	140
Alagoas	-1	11
Sergipe	-82	522
Bahia	180	2.573
Minas Gerais	1.696	5.449
Espírito Santo	33	56
Rio de Janeiro	-119	-199
São Paulo	5.518	12.596
Paraná	-25	393
Santa Catarina	-27	793
Rio Grande do Sul	-2.790	9.247
Mato Grosso do Sul	-6	133
Mato Grosso	-6	17
Goiás	-162	-109
Distrito Federal	-7	-41
Brasil	7.333	34.310

Fonte: CAGED/MTE
Elaboração: DIEESE

II. 3.4 - Madeira e Mobiliário

Os resultados da produção física do setor de madeira e mobiliário indicam a recuperação do mobiliário, no entanto o segmento da madeira ainda não retornou o mesmo patamar de produção de julho de 2008, período aqui considerado como pré-crise.

GRÁFICO 8
Índice da Produção Física da Indústria da Madeira e Mobiliário no Brasil – Maio de 2009 a Maio de 2010
(base: julho/08=100)



Fonte: IBGE
Elaboração: DIEESE

Entre janeiro e maio de 2010, a produção do setor da madeira cresceu 10,12%, enquanto o mobiliário registrou pequeno decréscimo de (-0,22%).

Segundo dados da Abimóvel – Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário, a recuperação do setor está ligada à isenção do IPI sobre móveis, plástico, aço, ratan e painéis de madeira, que vigorou até 31 de março de 2010 e a redução do mesmo de 10% para 5% a partir de abril para todos os produtos. Além disso, a melhora nas exportações tem contribuído para o maior faturamento do setor.

Quanto à geração de empregos formais no setor, os dados do CAGED mostram que de janeiro a maio de 2010 o setor gerou mais de 17 mil novos empregos, confirmando a recuperação do setor, uma vez que no mesmo período de 2009, o setor foi responsável pela eliminação de mais de 12 mil empregos formais.

TABELA 14
Evolução Mensal do Emprego Celetista na Indústria da Madeira e Mobiliário no Brasil – 2009 e 2010 *

Período	Admitidos	Desligados	Saldo
jan/09	15.349	17.830	-2.481
fev/09	14.819	19.079	-4.260
mar/09	16.129	19.777	-3.648
abr/09	15.194	15.837	-643
mai/09	16.086	17.572	-1.486
jun/09	16.413	17.071	-658
jul/09	18.043	17.115	928
ago/09	19.329	16.113	3.216
set/09	20.237	15.895	4.342
out/09	20.437	15.392	5.045
nov/09	17.232	15.249	1.983
dez/09	9.732	16.815	-7.083
Total 2009	199.000	203.745	-4.745
jan/10	19.736	15.117	4.619
fev/10	20.606	18.149	2.457
mar/10	24.133	21.431	2.702
abr/10	21.420	16.550	4.870
mai/10	21.232	18.669	2.563
Total 2010*	107.127	89.916	17.211

* Até maio

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: DIEESE

Por unidade da federação, os estados que mais geraram empregos no período de janeiro a maio foram: Paraná 3.836 novos postos, seguido por São Paulo com a criação de 3.535 novas vagas, Santa Catarina 2.959 e Rio grande do Sul com a geração de 2.520 novos empregos.

TABELA 15

**Evolução do Emprego Celetista por Unidade da Federação
na Indústria da Madeira e Mobiliário - Brasil**

Unidade da Federação	Saldo	
	Jan-Mai 2009	Jan-Mai 2010
Rondônia	-447	-380
Acre	-98	82
Amazonas	-114	2
Roraima	78	86
Pará	-2.776	-45
Amapá	-27	-5
Tocantins	-9	11
Maranhão	-289	146
Piauí	43	63
Ceará	-44	307
Rio Grande do Norte	-62	64
Paraíba	-97	39
Pernambuco	18	258
Alagoas	-30	32
Sergipe	69	64
Bahia	-49	32
Minas Gerais	-1.258	2.372
Espírito Santo	-291	181
Rio de Janeiro	-187	280
São Paulo	-3.280	3.535
Paraná	-2.063	3.836
Santa Catarina	-1.120	2.959
Rio Grande do Sul	-87	2.520
Mato Grosso do Sul	-131	92
Mato Grosso	-180	236
Goiás	-116	372
Distrito Federal	29	72
Brasil	-12.518	17.211

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: DIEESE

II. 3.5 – Setor da Construção Civil

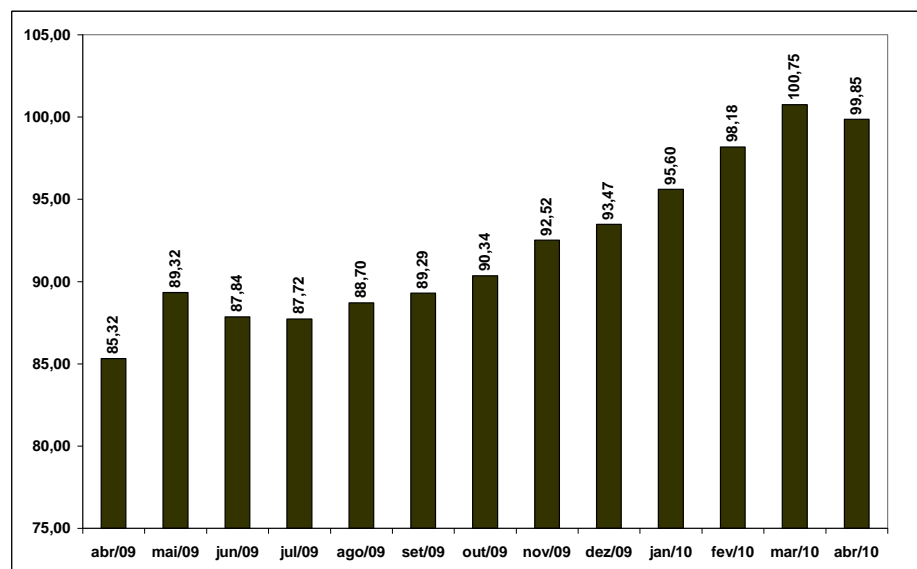
As perspectivas de crescimento econômico para o Brasil em 2010, onde o Banco Central já anuncia uma previsão entre 6,5% e 7% para este ano, aponta para um desempenho ainda melhor para o setor da construção civil. A economia brasileira se recupera de forma firme e só no primeiro trimestre de 2010, o setor industrial avançou 14,61% frente à igual período do ano anterior e 4,2% no confronto com o trimestre imediatamente anterior. O setor da construção civil vem passando por um período de bons resultados e, além de já ter se recuperado da retração ocorrida em 2009 em função da crise financeira mundial, tem se destacado na geração de emprego e renda.

Os indicadores de demanda da construção indicam de forma unânime para a retomada da trajetória de crescimento do setor. Segundo dados da ABRAMAT – Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção, o faturamento real da Indústria de materiais de construção nos primeiros quatro meses do ano atingiu 29,1 bilhões, valor 20,3% superior ao registrado no mesmo período de 2009.

As vendas de materiais de construção no varejo também confirmam a tendência de crescimento do setor. De janeiro a abril

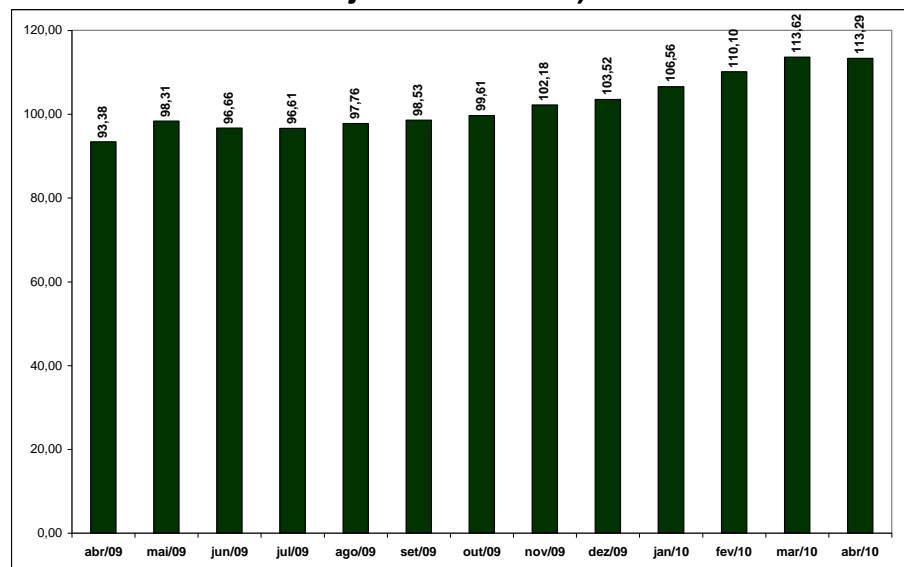
de 2010, segundo informações da Pesquisa Mensal do Comércio realizada pelo IBGE, tanto o volume de vendas, quanto a receita nominal registraram variação positiva no período de 4,4% e 6,31% respectivamente. (Gráficos 9 e 10)

GRÁFICO 9
Índice do Volume de Vendas de Materiais de Construção no Brasil Abril de 2009 a abril de 2010 (base: julho/2008=100)



Fonte: IBGE
Elaboração: DIEESE

GRÁFICO 10
Índice da Receita Nominal de Vendas de Materiais de Construção no Brasil Abril de 2009 a abril de 2010 (base: julho/2008=100)



Fonte: IBGE
Elaboração: DIEESE

Quanto à evolução do emprego no setor da construção civil, cabe registrar que este em função de ser intensivo em mão-de-obra é um dos maiores responsáveis pela geração de renda no país, contribuindo significativamente para a manutenção e recuperação do consumo interno, principalmente em períodos recentes em consequência da crise.

Em maio último, o setor da construção gerou mais de 39 mil novos empregos. De janeiro a maio foram criados 205.194 novos postos de trabalho, enquanto que no mesmo período de 2009 foram criados 61.084 novos empregos.

Por unidade da federação, destacam-se na geração de empregos os estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Paraná, conforme dados da tabela 17.

TABELA 16
Evolução Mensal do Emprego Celetista na Indústria da
Construção Civil no Brasil – 2009 e 2010 *

Período	Admitidos	Desligados	Saldo
jan/09	151.465	140.141	11.324
fev/09	138.627	135.785	2.842
mar/09	168.517	152.394	16.123
abr/09	152.788	139.400	13.388
mai/09	162.176	144.769	17.407
jun/09	166.244	147.923	18.321
jul/09	180.477	148.302	32.175
ago/09	184.570	144.613	39.957
set/09	182.719	150.052	32.667
out/09	178.624	152.468	26.156
nov/09	171.342	153.551	17.791
dez/09	112.529	163.495	-50.966
Total 2009	1.950.078	1.772.893	177.185
jan/10	190.660	136.330	54.330
fev/10	189.214	154.479	34.735
mar/10	227.513	188.884	38.629
abr/10	207.637	169.219	38.418
mai/10	219.134	180.052	39.082
Total 2010*	1.034.158	828.964	205.194

* Até maio

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: DIEESE

TABELA 17

Evolução do Emprego Celetista por Unidade da Federação na Indústria da Construção Civil - Brasil

Unidade da Federação	Saldo	
	Jan-Mai 2009	Jan-Mai 2010
Rondônia	8.490	9.615
Acre	707	436
Amazonas	-2.962	-473
Roraima	32	109
Pará	-7.062	3.311
Amapá	-316	-47
Tocantins	465	3.003
Maranhão	-3.297	4.887
Piauí	-63	5.354
Ceará	-144	9.826
Rio Grande do Norte	-1.910	4.334
Paraíba	539	3.003
Pernambuco	2.158	8.337
Alagoas	956	3.814
Sergipe	1.392	1.713
Bahia	5.652	16.363
Minas Gerais	5.753	26.337
Espírito Santo	-56	4.164
Rio de Janeiro	13.386	11.493
São Paulo	19.903	44.833
Paraná	4.988	14.175
Santa Catarina	3.460	4.220
Rio Grande do Sul	1.341	11.699
Mato Grosso do Sul	-478	1.323
Mato Grosso	-81	2.864
Goiás	5.251	9.656
Distrito Federal	2.980	845
Brasil	61.084	205.194

Fonte: CAGED/MTE

Elaboração: DIEESE

III – Indicadores Econômicos

III 1 – Mercado de Trabalho Metropolitano

Os dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED mostram que, em maio, o contingente de desempregados no conjunto das sete regiões onde a pesquisa é realizada foi estimado em 2.094 mil pessoas, 38 mil a menos que no mês anterior.

A taxa de desemprego total manteve-se estável ao passar de 13,3% em abril, para os atuais 13,2%.

TABELA 18

Estimativas do Número de Pessoas de 10 anos e mais, segundo a condição de atividade nas Regiões Metropolitanas e no Distrito Federal ⁽¹⁾ - Janeiro - Maio de 2010

Condição de Atividade	2009	2010				Abr	Mai	Variações - %		
	Mai	Jan	Fev	Mar	Mai-10/ Jan-10			Mai-10/ Abr-10	Mai-10/ Mai-09	
População em idade Ativa	35.666	36074	36138	36188	36245	36281	0,57	0,10	1,72	
população Economicamente Ativa	21.687	21797	21907	21912	22042	21972	0,80	-0,32	1,31	
Ocupados	18402	19101	19117	18969	19100	19068	-0,17	-0,17	3,62	
Desempregados	3285	2696	2789	2943	2942	2904	7,72	-1,29	-11,60	
Desemprego Aberto (total)	2322	1810	1901	2068	2096	2071	14,42	-1,19	-10,81	
Desemprego Oculto (total)	963	886	889	875	846	833	-5,98	-1,54	-13,50	
Oculto pelo trabalho precário	628	579	569	558	565	555	-4,15	-1,77	-11,62	
Oculto pelo Desalento	335	307	319	317	281	279	-9,12	-0,71	-16,72	

Fonte: Convênio Seade/Dieese/MTE-FAT e convênios regionais.

(1) Correspondem ao total das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e ao Distrito Federal.

O nível ocupacional pouco variou (-0,2%). A eliminação de 32 mil ocupações, simultaneamente à redução da População Economicamente Ativa – PEA em 70 mil pessoas resultou na saída de 38 mil pessoas da condição de desempregados.

A taxa de **desemprego total** no último mês manteve-se praticamente inalterada, passando de 13,3% para 13,2% da população economicamente ativa entre abril e maio.

No período de janeiro a maio, a taxa de desemprego apresentou tendências diferenciadas entre as regiões, com alta em São Paulo, estabilidade em Belo Horizonte e Porto Alegre e queda nas demais regiões. Na comparação com maio de 2009, todas as regiões registraram queda na taxa de desemprego. (Tabela 19).

TABELA 19
Taxa de Desemprego Total – Regiões Metropolitanas e Distrito Federal ⁽¹⁾ – Maio de 2009/Maio/2010

Condição de Atividade	2009	2010					Variações - %		
	Mai	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Mai-10/ Jan-10	Mai-10/ Abr-10	Mai-10/ Mai-09
Total Metropolitano	15,1	12,6	13,0	13,4	13,3	13,2	4,8	-0,8	-12,6
Distrito Federal	17,0	14,7	14,1	14,7	14,2	14,3	-2,7	0,7	-15,9
Belo Horizonte	11,0	9,6	9,7	10,2	9,9	9,6	0,0	-3,0	-12,7
Fortaleza	12,5	-	-	10,2	10,6	10,6	-	0,0	-15,2
Porto Alegre	12,6	9,6	9,6	9,8	9,6	9,6	0,0	0,0	-23,8
Recife	20,4	19,0	19,0	19,3	18,8	18,3	-3,7	-2,7	-10,3
Salvador	21,6	18,8	18,8	19,9	19,0	18,2	-3,2	-4,2	-15,7
São Paulo	14,8	12,2	12,2	13,1	13,3	13,3	9,0	0,0	-10,1

Fonte: Convênio Seade/Dieese/MTE-FAT e convênios regionais.

(1) Corresponderam ao total das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e ao Distrito Federal.

Em termos setoriais, o nível ocupacional registrou crescimento na Indústria (1,88%) e na Construção Civil (2,09%), no período de janeiro a maio. Na comparação com o mês de abril, apenas os Serviços e a Indústria registram um pequeno incremento de 0,5%. O Comércio, Construção Civil e o Agregado Outros Setores, registraram queda de (-1,81%), (-1,69%) e (-1,12%) respectivamente. Na relação com maio de 2009, todos os setores registraram crescimento no nível ocupacional, com exceção do agregado Outros Setores que registrou queda de (-2,16%).

TABELA. 20
Estimativas de Ocupados, segundo Setores de Atividade Regiões Metropolitanas e Distrito Federal ⁽¹⁾ Maio/2009-Maio/2010

Trimestres	Total	Indústria	Comércio	Serviços	Construção Civil (2)	Outros (3)	Em mil pessoas	
Mai-2009	18.402	2.740	2.952	9.974	1.116	1.620		
Jan-2010	19.101	2.922	3.133	10.232	1.196	1.618		
Fev	19.117	2.905	3.189	10.233	1.199	1.591		
Mar	18.969	2.938	3.125	10.124	1.216	1.566		
Abr	19.100	2.963	3.157	10.135	1.242	1.603		
Mai	19.068	2.977	3.100	10.185	1.221	1.585		
Variação Mai-10/Jan-10	-0,17	1,88	-1,05	-0,46	2,09	-2,04		
Variação Mai-10/Abr-10	-0,17	0,47	-1,81	0,49	-1,69	-1,12		
Variação Mai-10/Mai-09	3,62	8,65	5,01	2,12	9,41	-2,16		

Fonte: Convênio Dieese – Seade; MTE – FAT e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Corresponderam ao total das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e o Distrito Federal.

(2) Inclui reformas e reparações de edificações.

(3) Incluem serviços domésticos e outros setores de atividade não mencionados.

Por **posição na ocupação**, houve pequeno decréscimo de (-0,17%) no assalariamento total entre janeiro e maio de 2010, resultado influenciado pela redução (-2,41%) dos contratados do setor privado sem carteira de trabalho assinada. Na comparação com maio de 2009, o assalariamento total cresceu 5,21%, em função da elevação do setor privado (5,92%), com destaque para o aumento dos contratados com carteira de trabalho assinada (7,77%). Na comparação com o mês imediatamente anterior, houve um pequeno decréscimo de (-0,17%), resultado do recuo registrado no setor privado (-0,67%), em função da redução de (-1,10%) dos contratados com carteira assinada.

TABELA 21
Estimativas de Ocupados, segundo Posição na Ocupação
Regiões Metropolitanas e Distrito Federal ⁽¹⁾
Janeiro/2010 – Maio/2010

Em mil pessoas

Trimestres	Total	Assalariados					Autônomos	Empregados Domésticos	Outros (2)
		Total	Setor Público	Setor Privado		Total			
				Com Carteira Assinada	Sem Carteira Assinada				
Mai	18.402	12.238	1.997	10.233	8.252	1.981	3.379	1.470	1.315
Jan-2010	19.101	12.806	2.035	10.771	8.777	1.994	3.499	1.449	1.347
Fev	19.117	12.887	2.025	10.860	8.914	1.946	3.448	1.441	1.341
Mar	18.969	12.868	2.016	10.853	8.959	1.894	3.375	1.399	1.327
Abr	19.100	12.925	2.012	10.912	8.992	1.921	3.419	1.437	1.319
Mai	19.068	12.875	2.042	10.839	8.893	1.946	3.463	1.416	1.314
Varição Mai-10/Jan-10	-0,17	0,54	0,34	0,63	1,32	-2,41	-1,03	-2,28	-2,45
Varição Mai-10/Abr-10	-0,17	-0,39	1,49	-0,67	-1,10	1,30	1,29	-1,46	-0,38
Varição Mai-10/Mai-09	3,62	5,21	2,25	5,92	7,77	-1,77	2,49	-3,67	-0,08

Fonte: Convênio Dieese – Seade, MTE – FAT e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Correspondem ao total das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e o Distrito Federal.

(2) Incluem donos de negócio familiar, profissionais universitários autônomos, trabalhadores familiares sem remuneração salarial, etc.

Entre janeiro e abril de 2010, no conjunto das regiões pesquisadas, os rendimentos médios reais de ocupados e assalariados registraram redução de (-0,2%) e (-1,8%) respectivamente. Na comparação com o mês anterior, no conjunto das regiões pesquisadas, o rendimento médio real dos ocupados cresceu ligeiramente (0,6%), mesmo com a pequena redução dos salários (-0,6%), passando a corresponder em valores R\$ 1.243 e R\$ 1.306 respectivamente.

Na comparação com abril de 2009, no conjunto das sete regiões, o rendimento médio real dos ocupados apresentou pequeno crescimento de 0,5%, mesmo com a redução de 1,5% do salário médio. A expansão na média dos rendimentos do trabalho foi registrada em Recife (9,6%), Belo Horizonte (5,8%), Salvador (4,4%) e Porto Alegre (3,2%), que compensaram a redução observada em São Paulo (2,1%) e no Distrito Federal (2,0%) e a relativa estabilidade em Fortaleza (-0,2%).

TABELA 22

Rendimento Médio Real Trimestral e Índices do Rendimento Médio Real Trimestral dos Ocupados e Assalariados – Regiões Metropolitanas ⁽¹⁾ e Distrito Federal

Período	Ocupados (2)	Assalariados (3)
	Média	Média
Abr	1.237	1.325
Jan-2010	1.246	1.330
Fev	1.247	1.322
Mar	1.236	1.314
Abr	1.243	1.306
Variações relativas		
Abr10/Jan10	-0,2	-1,8
Abr10/Mar10	0,6	-0,6
Abr10/Abr09	0,5	-1,5

Fonte: Convênio Dieese – Seade; MTE – FAT e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Corresponde ao total das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador, São Paulo e o Distrito Federal.

(2) Exclui os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício.

(3) Exclui os assalariados que não tiveram remuneração no mês.

(4) Base: janeiro de 2009 = 100.

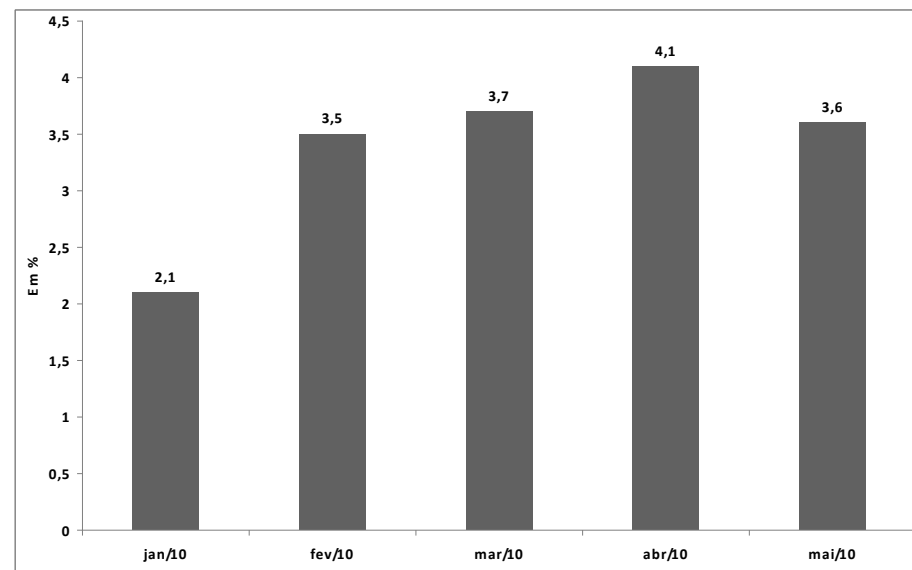
Nota: Inflator utilizado: IPCA/BH/IPEAD; INPC-DF/IBGE; INPC-RMF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE;

IPC-SE/BA; ICV-DIEESE/SP. Valores em reais de abril de 2010.

Nos últimos 12 meses, no conjunto das regiões pesquisadas, o nível de ocupação elevou-se em 3,6%, variação pouco inferior à registrada no mês anterior (4,1%), na mesma base de comparação. Neste período, foram criadas 666 mil ocupações, número superior ao da entrada de pessoas no mercado de trabalho (285 mil), resultando na retração do contingente de desempregados em 381 mil pessoas. (Gráfico 11)

GRÁFICO 11

Variação Anual ⁽¹⁾ da Ocupação nas Regiões Metropolitanas ⁽²⁾ 2010



Fonte: Convênio Dieese – Seade; MTE – FAT e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED.

(1) Mês de referência em relação o mesmo mês do ano anterior.

(2) (2) Corresponde ao total das Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza, São Paulo e Distrito Federal.

(3)

III. 2 – Taxas de Inflação

III. 2.1- ICV-DIEESE

O índice do Custo de Vida no município de São Paulo (ICV-DIEESE) é calculado pelo DIEESE desde 1959 com famílias que recebem de 1 a 30 salários mínimos, em três níveis distintos de rendimentos familiares.

Em junho de 2010, o custo de vida no município de São Paulo ficou em 0,02%, a menor taxa registrada desde fevereiro de 2009. Os grupos que mais contribuíram para o resultado foram: Habitação (0,98%) e Despesas Pessoais (2,88%) e quedas de preços foram verificadas na Alimentação (-0,85%) e Transporte (-0,45%). (Tabela 23).

TABELA 23
Índice do Custo de Vida (ICV-DIEESE)
Taxas, contribuições e porcentagem por grupos e subgrupos – junho de 2010 – Município de São Paulo

Grupos e Subgrupos	Variação (%)	Contribuição (pp.)	Ponderação (%)
Total Geral	0,02	0,02	100,00
. Habitação	0,98	0,23	22,93
.. Locação, impostos e condomínio	1,42	0,09	6,31
.. Operação	0,18	0,02	13,22
.. Conservação	3,28	0,11	3,41
. Despesas pessoais	2,88	0,11	3,73
.. Higiene e Beleza	0,10	0,00	2,08
.. Fumo e acessórios	6,35	0,11	1,66
. Vestuário	0,20	0,01	2,61
.. Roupas	-0,04	0,00	1,43
.. Calçados	0,60	0,01	1,04
. Transporte	-0,45	-0,07	15,46
.. Individual	-0,66	-0,07	10,58
.. Coletivo	0,00	0,00	4,88
. Alimentação	-0,85	-0,24	28,35
.. In natura e semielaborados	-1,56	-0,20	12,53
.. Indústria da alimentação	-0,67	-0,07	9,99
.. Fora do domicílio	0,36	0,02	5,83

Fonte: DIEESE

Índices por Estrato de Renda

Além do índice geral, o DIEESE calcula ainda outros três indicadores de inflação, segundo tercis da renda das famílias paulistanas. Em junho, as taxas por estrato de renda foram relativamente equivalentes: 1º (0,01%), 2º (-0,02%) e 3º (0,05%). O estrato 1 corresponde à estrutura de gastos de 1/3 das famílias mais pobres (renda média= R\$ 377,49, em junho/1996); o estrato 2 contempla os gastos das famílias com nível intermediário de rendimento (renda média = R\$ 934,17 em jun/96) e o estrato 3 reúne aquelas de maior poder aquisitivo (renda média = R\$ 2.792,90 em jun/96).

TABELA 24

Índice do Custo de Vida (ICV-DIEESE) Taxa Geral e por estrato de renda – Município de São Paulo – mai/10 e jun/10

Índices	mai/10 (%)	jun/10 (%)	Diferença (pp)
Geral	0,15	0,02	-0,13
Estrato 1	0,14	0,01	-0,13
Estrato 2	0,09	-0,02	-0,11
Estrato 3	0,18	0,05	-0,13

Fonte: DIEESE

Elaboração SS DIEESE CNTI

Comportamento dos preços em 2010

Neste ano os grupos com taxas superiores à inflação (3,22%) foram: Educação (5,06%), Saúde (4,40%), Alimentação (4,35%) e Despesas Pessoais (3,58%). Taxas negativas ou próximas a zero foram observadas nos grupos Recreação (-1,04%), Equipamentos (-0,24%) e Vestuário (0,14%).

Comportamento dos preços nos últimos 12 meses

Os aumentos verificados neste período deram-se de maneira bastante heterogênea entre os grupos, subgrupos e itens que compõem o ICV-DIEESE. Para uma inflação da ordem de 5,58%, as maiores altas foram apuradas nos grupos: Saúde (6,68%), Habitação (6,65%) e Alimentação (6,24%). Com variações semelhantes ao índice geral, observou-se Educação e Leitura (5,77%) e Transporte (5,53%). Taxas negativas foram detectadas nos grupos: Equipamento (-1,87%) e Vestuário (-0,95%).

III.2.2 – INPC-IBGE e IPCA-IBGE

O IPCA-IBGE ou Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo é calculado pelo IBGE desde 1980 e se refere às famílias com rendimento monetário de um a quarenta salários mínimos, em 9 regiões metropolitanas do país, além do município de Goiânia e de Brasília. Também é utilizado pelo governo como parâmetro para o chamado sistema de metas de inflação.

Em junho o IPCA não registrou variação nula (0,0%), portanto, ficou 0,43 ponto percentual abaixo da taxa de maio (0,43%). Este foi o resultado mais baixo para o IPCA desde junho de 2006, quando ocorreu deflação de (-0,21%). Com zero em junho, o primeiro semestre do ano ficou em 3,09%, o mesmo acumulado até maio, mas acima da taxa de 2,57% relativa ao primeiro semestre de 2009. Na análise dos últimos doze meses, o IPCA passou para 4,84%, inferior aos 5,22% referentes aos doze meses imediatamente anteriores. Em junho de 2009 o índice havia ficado em 0,36%.

Os alimentos, cujo movimento de alta decorrente em grande parte de problemas climáticos neste ano, já havia perdido força em maio, foram os grandes responsáveis pela forte

desaceleração em junho. Ao passar de 0,28% para -0,90% de um mês para outro, o grupo Alimentação e Bebidas exerceu contribuição de -0,20 ponto percentual, enquanto havia contribuído 0,06 ponto em maio.

Além do grupo dos alimentos, também contribuíram para a desaceleração do índice no mês de junho os produtos não alimentícios, que registraram crescimento mais lento, passando de 0,48% em maio para 0,27% em junho. (tabela 25)

TABELA 25
Varição mensal e acumulada dos grupos componentes do IPCA-IBGE – Abril e Maio de 2010

Grupo	Variação %		
	Maio	Junho	Acumulado no Ano
Índice Geral	0,43	0,00	3,09
Alimentação e Bebidas	0,28	-0,90	4,54
Habituação	0,78	0,40	2,18
Artigos de Residência	0,59	0,35	2,72
Vestuário	0,91	0,58	3,26
Transporte	0,09	-0,21	1,49
Saúde e Cuidados Pessoais	0,74	0,57	3,05
Despesas Pessoais	0,75	0,74	4,17
Educação	0,04	0,03	5,56
Comunicação	-0,01	0,02	0,09

Fonte: IBGE

O INPC também é calculado pelo IBGE, desde 1.979, no mesmo espaço geográfico, porém se refere às famílias com rendimento monetário de 01 a 06 salários mínimos. Normalmente é o índice utilizado nas negociações coletivas entre trabalhadores e patrões.

No mês de junho o INPC registrou variação de (-0,11%), bem abaixo do resultado registrado em maio de 0,43%, resultando no menor INPC desde junho de 2005, quando ocorreu deflação também de (-0,11%). No ano, o índice acumula alta de 3,38%. Nos últimos doze meses, o índice situou-se em 4,76%, abaixo dos 5,31% referente aos doze meses imediatamente anteriores. Em junho de 2009 o INPC havia registrado alta de 0,42%.

Dentre os índices regionais, o maior foi de Belém (0,15%) e o menor registrado em Porto Alegre (-0,28%).

TABELA 26
Variação Mensal e Acumulada da Inflação no Brasil
200-2010

Período	Em %		
	ICV-DIEESE	INPC-IBGE	IPCA-IBGE
2006	2,57	2,81	3,14
2007	4,80	5,16	4,46
2008	6,11	6,48	5,90
2009	4,04	4,11	4,31
jan/10	1,72	0,88	0,75
fev/10	0,59	0,70	0,78
mar/10	0,47	0,71	0,52
abr/10	0,22	0,73	0,57
mai/10	0,15	0,43	0,43
jun/10	0,02	-0,11	0,00
DATA BASE 1° DE			
JULHO DE 2010	5,57	4,76	4,84

Fonte: DIEESE e IBGE

III. 3 – CESTA BÁSICA

Das 17 capitais onde o DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – realiza a Pesquisa Nacional da Cesta Básica, 16 apresentaram queda de preço em junho. Em nove cidades, a queda superou -3%; em outras quatro, ficou entre 2% e 3%. As maiores reduções ocorreram em Manaus (-5,14%), Rio de Janeiro (-5,08%) e Vitória (-4,83%). A única capital onde a cesta básica registrou aumento de preços

foi Goiânia (alta de 5,22%), onde o preço do feijão explica a maior parte desta variação.

A aquisição do conjunto de itens básicos em São Paulo custou R\$ 249,06, o maior valor entre as localidades pesquisadas. Em Porto Alegre, o preço da cesta correspondeu a R\$ 248,15 e, em Manaus, ficou em R\$ 236,57. As cidades mais baratas foram Fortaleza (R\$ 181,92), Aracaju (R\$ 184,17) e João Pessoa (R\$ 193,94).

Com base no maior valor apurado para a cesta e levando em consideração o preceito constitucional que estabelece que o salário mínimo deva suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o salário mínimo necessário. Em junho, o valor do mínimo foi calculado em R\$ 2.092,36, o que representa 4,1 vezes o mínimo em vigor, de R\$ 510,00. Em maio, o piso mínimo era estimado em R\$ 2.157,88 (4,23 vezes o menor salário legal), enquanto em junho do ano passado correspondia a R\$ 2.046,99, ou seja, 4,4 vezes valor então vigente (R\$ 465,00).

Variações Acumuladas

No primeiro semestre deste ano, em todas as localidades pesquisadas os preços acumulam aumento. As maiores variações foram registradas em Recife (21,88%), Goiânia (16,88%), Natal (13,80%), além de João Pessoa e Salvador, com 13,66% e 13,49%, respectivamente.

Nos últimos 12 meses, apenas em Fortaleza foi registrada redução no valor da cesta (-3,58%). Ao longo deste período, Manaus apresentou a maior variação para o conjunto dos produtos: 10,64%. Entre as 16 cidades com variações positivas, as menores ficaram em Vitória (1,68%), Porto Alegre (1,84%) e Aracaju (4,43%).

Cesta x Salário Mínimo

Para adquirir a cesta básica, o trabalhador que ganha salário mínimo precisou cumprir, em junho, na média das 17 capitais pesquisadas, jornada de 94 horas e 56 minutos, tempo menor que o exigido em maio (97 horas e 39 minutos). Em junho de 2009, a mesma compra comprometia jornada bem inferior: 90 horas e 14 minutos.

Quando se considera o percentual do salário mínimo líquido gasto com a cesta, após a dedução da parcela referente à Previdência Social, também é possível notar um pequeno recuo, em junho (46,90%) em relação ao comprometido em maio (48,24%). Em junho de 2009, o custo da cesta representava 48,90% do mínimo líquido.

TABELA 26
Pesquisa Nacional da Cesta Básica Custo e variação da
cesta básica em 17 capitais – Brasil – junho de 2010

Capital	Variação Mensal (%)	Valor da Cesta (R\$)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de Trabalho	Variação no ano (%)	Variação Anual (%)
Goiânia	5,22	223,13	47,56	96h15m	16,88	4,84
Brasília	-1,23	230,39	49,10	99h23m	3,68	6,52
Florianópolis	-1,45	232,46	49,54	100h17m	10,22	6,90
Aracaju	-1,57	184,17	39,25	79h27m	8,86	4,43
Fortaleza	-2,05	181,92	38,77	78h29m	2,80	-3,58
Curitiba	-2,72	227,14	48,41	97h59m	7,22	6,38
São Paulo	-2,83	249,06	53,08	107h26m	9,15	9,19
Belém	-2,94	215,22	45,87	92h50m	5,33	6,76
João Pessoa	-3,07	193,94	41,33	83h40m	13,66	3,55
Porto Alegre	-3,39	248,15	52,89	107h03m	4,45	1,84
Natal	-3,58	211,72	45,12	91h20m	13,80	5,38
Belo Horizonte	-3,71	231,54	49,35	99h53m	8,21	6,12
Recife	-3,72	208,79	44,50	90h04m	21,88	9,35
Salvador	-3,85	207,85	44,30	89h40m	13,49	4,44
Vitória	-4,83	231,12	49,26	99h42m	5,49	1,68
Rio de Janeiro	-5,08	228,16	48,63	98h25m	6,94	3,61
Manaus	-5,14	236,57	50,42	102h03m	9,55	10,64

Fonte: DIEESE